

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO
Av. Engº Caetano Álvares, 55 - 856-2122 (PABX) - CEP 02598
São Paulo - SP - Caixa Postal 8005 - CEP 01051 SP - E. Teleférico ESTADO
Telex 011.23511 - Fax 265-2297



Fundado em 1875

JORNAL DA TARDE

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto

Luiz Vieira de Carvalho Mesquita

Ruy Mesquita

César Tácito Lopes Costa

José M. Homem de Montes

Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Editor Chefe

Celso Kinjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

Quebrando as fuças

Quem leu nosso editorial de ontem — intitulado **O tamanho do buraco** — pode ter estranhado o fato de, numa situação como esta que estamos vivendo, termos falado em um “vigoroso e prolongado boom econômico”, como a única possibilidade de o governo vir a obter um aumento de arrecadação suficiente para reerguer o Estado brasileiro dos seus escombros atuais.

Dado o estado de pessimismo generalizado em que vive mergulhada a sociedade brasileira, depois de tantas e tão profundas decepções e frustrações nestes últimos dez anos, a hipótese de um boom econômico em prazo previsível pode parecer, para a maioria dos brasileiros, um mero exercício de ficção econômica.

No entanto, basta olhar para alguns dos países que nos cercam para se verificar que não é. Países como o México, a Venezuela, o Chile e a Argentina, que até muito recentemente estavam em situação ainda pior do que a nossa e cujas potencialidades econômicas não podem ser comparadas com as nossas, em muito pouco tempo, a partir exclusivamente de uma mudança de mentalidade de suas elites dirigentes, já saíram da fase recessiva e superinflacionária que também neles durou dez anos (e pelo menos 20 na Argentina) e se encaminham rapidamente para a fase do boom econômico.

Esse, aliás, foi o tema de um artigo do empresário Alain Belda, presidente da Alcoa Alumínio do Brasil e da Alcoa América Latina, publicado na edição de sexta-feira do JT.

É com a autoridade de diretor de uma multinacional que Alain Belda faz uma comparação entre a economia brasileira e as economias de nossos vizinhos, que nos é francamente favorável.

“Conheço bem a América Latina” — diz Belda em seu artigo — “já que sou responsável pelas atividades de minha empresa no continente. Por isso sei bem da qualidade do empresariado e do operariado brasileiro quando comparado a qualquer outro país da região. Conheço fábricas em todo o mundo e no País; sei bem da produtividade das nossas e do nível de atualização do nosso parque industrial. Mesmo que tenha havido uma deterioração nos últimos sete ou oito anos, nossa atualização tecnológica e produtividade são ainda substancialmente superiores às dos demais países da região.”

A mesma opinião tem o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Rubens Ricúpero, até recentemente representante do Brasil no Gatt e profundo conhecedor da economia de outros países:

“Nós temos razões reais, racionais, para sentir certa confiança, desde que sejamos capazes

de restabelecer um consenso mínimo. Como nossa economia não foi extensamente destruída (o setor privado, evidentemente) e temos ainda setores industriais com trabalhadores preparados, bem treinados, temos quadros capazes em vários setores, nós dispomos de uma infra-estrutura relativamente intacta que nos dá uma plataforma para o crescimento. Se formos capazes de pôr um mínimo de ordem na casa, de estabelecer o entendimento nacional, a nossa retomada de um crescimento positivo será relativamente rápida. Temos as condições materiais e psicológicas para isso”.

O problema brasileiro, como estamos cansados de repetir, não é econômico, mas político. Neste ponto estamos de pleno acordo com o embaixador Ricúpero. Acontece que o homem que deveria liderar o processo de mudança da mentalidade da maioria dos políticos que têm poder de decisão neste país, a fim de conseguir o “consenso mínimo” de que depende o êxito do seu programa de governo, anda meio esquecido disso. Para ele, a crise econômica brasileira, decorrente da falência do Estado nacional provocada por fatores exclusivamente políticos, vai assumindo cada vez mais o aspecto de um resultado da perversidade intrínseca do empresariado nacional.

Para conseguir a modernização da economia nacional, que é o grande objetivo do seu programa de governo, o presidente Collor precisa, em primeiro lugar, dirigir sua agressividade natural contra os verdadeiros inimigos dessa modernização. Precisa distinguir objetivamente quem pode ser seu aliado na perseguição de suas metas — porque tem todo interesse no sucesso do seu programa de governo — e quem não pode ser seu aliado — porque tem todo o interesse no fracasso do seu governo.

Os aliados naturais são aqueles que estão **quebrando as fuças** na direção de suas empresas cuja administração estão impedidos de planejar, não porque são “especuladores”, mas graças à instabilidade econômica criada pela sucessão de experiências e erros de autoridades econômicas incompetentes que vivem, elas sim, “especulando” com teorias e normas que o mercado sistematicamente rejeita.

Os inimigos naturais estão todos no Congresso, se opondo à remoção dos obstáculos constitucionais ao êxito do programa governamental, que eles próprios construíram a fim de tornar cada vez mais próspera a “indústria” de que vivem — a **indústria das sinecuras eleitorais**. Se o presidente Collor não tem jeito para fazer amigos, era tempo de, pelo menos, aprender a identificar inimigos. Para não continuar **quebrando as fuças** na luta pela estabilização econômica.